



...os pesos duma balança num limbo educativo...

XIV Jornadas Pedagógicas da ASPEA.2007
Ecodesign e Antropologia do Espaço.

Observar e sentir,
equacionar e exprimir:
os percursos dum fado ambiental.

A habilidade e o engenho de cada um, permite com empenho, o descobrimento de que por detrás da cultura individual encontra-se um saber colectivo ao encontro das necessidades da comunidade.

A intensa experiência acumulada nos três anos de docência na Escola Superior de Educação do Porto, justifica por si só uma reflexão, mas sobretudo uma atenta resposta para o enquadramento do design como disciplina que cruza saberes, conhecimentos, culturas, artes e ciências, e que nesse embaraço, tenta de alguma forma justificar a sua presença pela estrutura

reflexiva, crítica e *planificadora* duma responsabilidade social sobre o meio. É neste cruzamento de ideias e nesta problematização, que o design deixa definitivamente o seu papel redutor e superficial duma suposta *vanguarda* “oca e materialista” para se transformar em meio, em processo e caminho: uma espécie dum seringador esverdeado perante as adversidades ambientais.

...o designer pode e deve ser um criador, mas deve criar mentalidades em vez de objectos, “um designer industrial interpreta mal a sua acção quando foca a sua atenção em artefactos materiais e em funções como supostas realidades objectivas. As funções não são dadas, são antes de mais distinções linguísticas e como tal são inventadas. O designer não satisfaz funções de qualquer tipo: materiais, biológicas, económicas, psicológicas ou quaisquer outras. O designer inventa funções ao observar as preocupações humanas que sempre se encontram da contingência social, histórica e ambiental” Gui Bonsiepe

As propostas apresentadas não são mais do que estratégias que possibilitem num futuro mais ou menos próximo uma continuidade efectiva. A metodologia implícita desenha sempre um registo em que a sensibilidade ambiental é substituída por metas e objectivos, tal qual um *happy end* esforçado e “Hollywoodesco” em vez de tarefas permanentes e perseverantes sob a hipótese dum *working progress* aberto e cíclico: um hábito, um costume, uma rotina ou inclusive uma futura tradição. O acto de inculcar novas sensibilidades ambientais está sempre implícito na reutilização dos nossos hábitos colocando ênfase *não apenas na criação de objectos mas também na formação de mentalidades* (Bonsiepe), transformando finalmente o design numa entidade organizadora: isto é, uma espécie dum boomerang comunicacional operativo.

Este eco-designio que nos encaminha e nos determina as actividades inerentes aos processos dos alunos e dos futuros docentes sobre a comunidade, não pode ser observada como um mau fado dum investimento de gerações. O logro reveste-se da fragilidade das sociedades em defender princípios (in)coerentes, e de utilizadores conscientes dum risco injustificado em atitudes permissivas e conformistas, colocando ênfase na interrogação das proveniências, no descontrolo das matérias, dos produtos e dos objectos degenerativos na sua artificialidade: uma espécie de *laissez faire laissez passé*. Nesta tenacidade entre produção e aquisição, a quem atribuir a responsabilidade? Às grandes multinacionais que não agiram em conformidade com os erros que todos os dias se deparavam, e que em virtude dum mercado musculado não quiseram abrir mão de certos comodismos? À ciência que extrapolou a sua génese da evolução em produtos ‘cénicos’, em patentes escondidas, ou em patentes desenvolvidas para princípios que nada tinham a ver para aquilo que foram formulados? Uma espécie de deturpação de princípios por consentimento de ambas a partes? À educação dada de uma forma ‘leve’ na aplicação de regras mínimas dentro de casa, das escolas, dos politécnicos, das universidades, num pressuposto de que a culpa é sempre de quem ensina? Considerando assim que esse será sempre um bom pressuposto para esconder defeitos de fabrico?

A promiscuidade de todos alcança valores incalculáveis, e as mãos lavam-se da mesma forma que um simples conformista carrega num botão e permuta uma espécie de *automatic for the people* (REM) . Assim, podemos lembrar a voz de Amália Rodrigues, quando canta o fado “Povo que lavas no rio”, de Pedro Homem de Melo, que já todos sabem que é um fado não corrosivo, mas

apenas diminuto da nossa condição de homens enquanto seres que percorrem um 'rio'. Os povos acolhem-no do lugar pequenino da Lisboa do Bairro Alto e de Alfama, que se transforma, tal como qualquer Português, em qualquer canto do mundo, em algo de todos e de ninguém. A não ser de quem o canta todos os dias, algures...

Povo que lavas no rio
Que talhas com teu machado
As tábuas do meu caixão
Há-se haver quem te defenda
Quem compre o teu chão sagrado
Mas a tua vida não ...

O docente, apenas pode transformar a sala de aula em laboratório e experiência cumulativa, num incremento a "novas" atitudes e a "novas" referências, na formulação duma *perspectiva crítica para tempos críticos*. As causas e os efeitos que nos precedem só puderam desenvolver docentes reutilizados, reformulados e carregados de cargas positivas que desenvolvam as "novas" autonomias de quem navega sobre águas calmas ou sobre caminhos *nunca antes navegados*.

As *Trapobanas* de hoje são os novos *path's* da atitude da consciência ambiental e do legado da balança entre homem e natureza ou como quem diz dos percursos dum **novo** fado.

Este resumo foi desenvolvido sobre a reunião da experiência como docente no Instituto Politécnico do Porto (IPP), na Escola Superior de Educação (ESEP) onde leccionou as disciplinas de design II e Expressão e Comunicação Visual II do Curso de Educação Visual e Tecnológica entre 2001 e 2004, integrado na Área de Artes & Ofícios assim como na tese de mestrado realizada na Faculdade de Engenharia do Porto em Design Industrial sob o título: "Engenhar, o engenho. A razão prática duma *engenharia inversa*. A interpretação da cultura do design em culturas periféricas" (2001.2005), e na experiência obtida nestes 7 meses de investigação no âmbito do doutoramento, na área do Design e Sustentabilidade (Bolseiro da Fundação Ciência e Tecnologia [FCT], Doutoramento em *Design for sustainability - The engineering of a new living landscape*, domínio Científico de Engenharia de Conceção e Desenvolvimento de Produto da Faculdade de Engenharia do Porto).